

EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE: PEDAGOGIAS DE GÊNERO NAS RELAÇÕES DE TRABALHO

Luciana Luzzardi¹

Luiz Felipe Zago²

RESUMO

O presente trabalho é parte de uma pesquisa em andamento, desenvolvida no campo da Educação, com aportes teóricos ancorados nos Estudos Culturais, Estudos de Gênero e o campo da Filosofia. A pesquisa investiga as relações de gênero que se encontram em operação na Companhia Estadual de Transmissão de Energia Elétrica do estado do Rio Grande do Sul (CEEE-T). A problemática é pensada a partir da constatação de que mulheres são minoria na empresa, principalmente em cargos e funções ocupadas historicamente por homens (engenharias e áreas técnicas). Inicialmente, a pesquisa se detém nas teorizações acerca do conceito de Pedagogias de gênero numa perspectiva filosófica e sua relação com o mundo do trabalho. A partir do método de análise cultural serão analisadas entrevistas realizadas com funcionários/as da empresa CEEE-T sobre as relações entre gênero e trabalho. No recorte analítico foram problematizadas as maneiras com que os/as funcionários/as ensinam e aprendem sobre gênero, também foi analisado como a empresa, enquanto instituição, ensina de maneira sutil seus funcionários/as através de pedagogias de gênero e como vem produzindo subjetividades e forjando lugares para cada gênero dentro e fora da empresa. É preciso investir na investigação desses mecanismos de educação sobre gênero, a partir de um enfoque interdisciplinar, em diferentes espaços escolares e não escolares, para quem sabe desconstruir a matriz de acordo com a qual se produzem e são impostas as supostas verdades em relação a gênero e sexualidades.

Palavras-chave: Gênero. Trabalho. Pedagogias. Subjetividade.

¹Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil. Esta pesquisa conta com auxílio da Coordenação de Pessoal de Nível Superior (CAPES) por meio de bolsa-taxa. E-mail: luciana.luzza@gmail.com.

² Professor Adjunto do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Luterana do Brasil. E-mail: professorluizfelipezago@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

Este artigo é um recorte da pesquisa de mestrado de um/a dos/as autores/as, na qual se focalizam as relações de gênero no contexto do trabalho, especificamente problematizando posições de sujeitos para homens e mulheres tal como se apresentam social e culturalmente, posições essas que são efeitos de discursos que ensinam lugares de trabalho para cada gênero.

A pesquisa se desenvolve na instituição em que um/a do/a autores/as trabalha: a empresa Companhia Estadual de Energia Elétrica - CEEE Transmissão. A CEEE é uma empresa pública de economia mista, tendo como acionista majoritário o Estado do Rio Grande do Sul. A empresa Grupo CEEE é dividida em: CEEE Geração (geradora de energia, principalmente a partir de hidrelétricas); CEEE Transmissão (transmite energia por longas distâncias, através de linhas de transmissão, que carregam energia em altas tensões das hidrelétricas até os centros urbanos) e CEEE Distribuição (responsável por distribuir a energia que chega das linhas de transmissão para os consumidores).

Na CEEE Transmissão, empresa do grupo CEEE eleita para esta pesquisa, 85% dos funcionários são homens e 15% de funcionárias são mulheres, sendo a empresa constituída historicamente por profissionais técnicos e engenheiros, majoritariamente homens. A partir desse contexto questiono: como se constroem (e se justificam) as posições de gênero dentro da empresa? Como operam, nas relações dentro da empresa, as pedagogias de gênero? Essas e outras questões serão abordadas neste artigo, através da fundamentação teórica e de análises de entrevistas feitas com funcionários/as da empresa CEEE Transmissão.

2 PEDAGOGIAS DE GÊNERO PRODUZINDO ESPAÇOS DE TRABALHO

A grande maioria dos estudos realizados no campo educacional esteve, por longo tempo, voltado para a instituição escolar como espaço único de operação da pedagogia e do currículo (SABAT, 2001). Camazzato (2014) coloca sob suspeita o conceito de pedagogia no singular e propõe pensar em pedagogias, no plural, já que as pedagogias sofrem transformações e operam em múltiplos campos, constituindo e sendo constituídas pelo tempo presente.

Uma vez que estamos situados no campo de pesquisa dos Estudos Culturais, voltamos nossa atenção para outros espaços que estão funcionando como produtores de conhecimentos e saberes,

como a mídia, a literatura, o cinema, o consumo, a escola, etc. Por pedagogias culturais entendemos uma miríade de relações mais amplas, estabelecidas entre educação e cultura.

Concordamos com Durval Albuquerque Jr. (2010), quando propõe que as pedagogias culturais põem em jogo uma variedade de estratégias e de espaços onde elas acontecem. As pedagogias culturais operam sempre para situar, localizar, descrever, nomear, pôr em ordem, colaborando para produzir subjetividades, controlar corpos e gestos, demarcar fronteiras simbólicas, imaginárias, físicas. O autor acrescenta que “Lidar com o pedagógico é lidar com a instituição de limites, com a demarcação do dentro e do fora, do permitido e do proibido; é traçar, com traços de giz, quem e como deve passar, como deve ou como não deve estar, circular, mudar de lugar, mexer-se” (ALBUQUERQUE JR., 2010, p. 22). Numa direção semelhante, Dagmar Meyer (2012, p. 24) afirma que:

(...) os indivíduos aprendem desde muito cedo – eu diria hoje desde o útero – a ocupar e/ou reconhecer seus lugares sociais e aprendem isso em diferentes instâncias do social, através de estratégias sutis, refinadas e naturalizadas que são, por vezes, muito difíceis de reconhecer.

Também para Marisa Vorraber Costa & Paula Andrade (2015) as pedagogias culturais produzem subjetividades, conceito pensado por Michel Foucault através das técnicas de si e do governo das condutas. Um exemplo de produção de subjetividades contemporâneas voltadas para a gestão de si é o coaching, que opera através de “práticas/processos que promovem um mecanismo que faz o sujeito voltar-se para si e reconhecer-se – ou não – naquilo que é exposto, culpabilizando-se, identificando-se, confessando, refletindo” (POSSEBON, 2015, p. 50)

Portanto, aprendemos a ser quem somos em múltiplas práticas e processos e, neste aprendizado, também participam processos que ensinam sobre as (e produzem as) diferenças entre homens e mulheres: são as pedagogias de gênero. Guacira Louro (2012) destaca a importância de analisar os processos e práticas sociais que educam os indivíduos como homens e mulheres, para que possamos propor mudanças que reconfigurem as relações de poder e de gênero vigentes na sociedade. Essas pedagogias de gênero estão em operação em diversos meios e espaços culturais e, conforme ressalta Louro (2012), as pedagogias de gênero são disseminadas na sociedade através da

cultura, da linguagem e do poder e produzem efeitos que moldam as maneiras de ser e estar dentro de uma determinada cultura.

Podemos observar exemplos de pedagogias de gênero em operação nos filmes Hollywoodianos, como destaca Louro (2008), pois através do cinema articulam-se modos especiais de viver os gêneros: mulheres sendo usualmente representadas como sensuais, dóceis, submissas e, por vezes, castas e recatadas; enquanto os homens são comumente retratados como fortes, independentes e lutadores, sempre salvador ou o par perfeito de alguma mulher.

Portanto, assim como podemos pensar nas pedagogias culturais como práticas que podem moldar o sujeito para determinados propósitos, essas mesmas pedagogias culturais podem ser produtoras de resistências. Talvez possamos criar novas possibilidades de ensinar e aprender, através das pedagogias da diferença e da multiplicidade, em que apenas a descontinuidade é a possibilidade de abertura para outros mundos, ensinando e aprendendo a ver a nós mesmos e aos outros como estrangeiros e nômades, em constate vir-a-ser (SILVA, 2008).

Assim, Louro (2012) explica que existe um trabalho pedagógico e contínuo posto em ação para inscrever nos corpos o gênero e a sexualidade. São práticas sutis que arregimentam os próprios sujeitos na produção de gênero em seus corpos. Ainda que nem sempre de maneira evidente e consciente, há um investimento continuado de suas formas de ser ou “jeitos de viver” seu gênero. “A despeito de todas as contradições e fragilidades que marcam esse investimento cultural, a sociedade busca, intencionalmente, através de múltiplas estratégias e táticas, ‘fixar’ uma identidade masculina ou feminina ‘normal’ e ‘duradoura’” (LOURO, 2000, p. 17).

Como o enfoque deste artigo é gênero e trabalho, deslocamos a pensar as pedagogias de gênero a partir das problemáticas decorrentes do campo do trabalho num recorte em microescala. Ou seja, preocupamo-nos com os “detalhes” que participam e constituem a (às vezes, dificultam) a inserção e permanência das mulheres no trabalho.

Podemos pensar tais sutilezas como micro-poderes, atentando para o funcionamento das relações de poder em seu enraizamento e penetração no cotidiano da vida, bem como sua ambivalência e multiplicidade. “De modo geral, penso que é preciso ver como as grandes estratégias de poder se incrustam, encontram suas condições de exercício em micro-relações de

poder” (FOUCAULT, 2005, p. 142). A própria subjetividade é um efeito de poder, e o poder por sua vez, se espalha por toda parte de forma complexa e capilar. Nos diz Foucault: “os sistemas de micro-poder não se instauraram imediatamente. Este tipo de vigilância e de enquadramento desenvolveu-se primeiro nos setores mecanizados que utilizavam mulheres ou crianças, portanto pessoas habituadas a obedecer” (FOUCAULT, 2005, p. 125).

Para entender melhor como funcionam os micro-poderes nas relações de trabalho, podemos pensar a partir de mulheres inseridas em funções e cargos historicamente masculinos. No caso das Engenharias e áreas técnicas, por exemplo, poucas delas são designadas a trabalhar em campo: canteiro de obras, subestações de energia elétrica ou manutenção elétrica. “Os canteiros são definidos como ambientes abrutalhados, onde se faz trabalho pesado e sujo, e sem infraestrutura de alojamento e sanitários para elas.” (YANNOULAS, 2013, p. 51).

Silvia Yannoulas (2013) já nos indica que as carreiras femininas não são lineares, registrando longos períodos de estagnação, e também mudanças devido muitas vezes, à influência de algum homem “excepcional” que confiou nelas para determinado cargo ou função. Contudo elas interpretam essa confiança não em função dos méritos próprios, mas da gentileza desses homens supostamente excepcionais, ficando essas mulheres se vendo na obrigação de estar provando tudo o tempo todo.

Talita Oliveira (2013) investiga a inserção das mulheres na construção civil e salienta que a mulher, dentro deste setor, é encaminhada para tarefas auxiliares. De acordo com a autora, são produzidas subjetividades na área da construção civil como naturalmente masculina. A autora argumenta que, para a mulher, são construídas características como fraqueza, afetividade e irracionalidade; já o homem, características como força física, racionalidade e brutalidade são comumente reiterados. Deste modo, podemos afirmar que:

A reprodução dos estereótipos de gênero no mundo do trabalho, e no setor da construção em particular, implica a utilização marginal da mão de obra feminina e sua exploração sem medidas, já que o trabalho realizado por elas tende a agregar valores especiais aos canteiros e às obras (OLIVEIRA, 2013, p. 154).

Oliveira (2013) argumenta que homens e mulheres tendem a se concentrar em determinados setores e atividades que possuem estreita relação com características atribuídas culturalmente aos gêneros em uma dada época. Isso implica na determinação do lugar de cada sujeito, de acordo com o gênero, no mercado de trabalho. Ainda segundo a autora, em decorrência desta naturalização cultural, mulheres enfrentam diversas dificuldades em exercerem plenamente suas funções, situação que as obriga a terem uma permanência no trabalho de forma marginal (se especializando em funções que tenham o “perfil” feminino), e tendo suas falas sutilmente marcadas e por vezes silenciadas. Também para Celi Pinto:

Quando uma mulher fala, sua fala tem uma marca: é a fala de uma mulher. A recepção desta fala por homens e mulheres tende a ter a mesma característica, é a recepção de uma fala marcada, portanto particular, em oposição à fala masculina/universal (PINTO, 2010, p. 20).

No campo do trabalho é interessante observar como os micro-poderes funcionam através de pedagogias de gênero na direção de construir lugares ‘apropriados’ para homens e mulheres trabalhadores/as, com efeitos que podem “(...) se confrontar nos jogos de verdade e nos discursos normativos sobre trabalho e gênero – parâmetros que considero centrais nos modos/processos de subjetivação contemporâneos” (CARPENEDO, 2011, p. 18).

Portanto, a partir de situações que ensinam qual é o lugar de cada gênero no campo do trabalho são produzidas subjetividades que, conforme Carpenedo (2011), estão alinhadas às representações de “natureza feminina”. Segundo a autora, tais concepções respaldam classificações do que seria um trabalho normal e socialmente adequado às mulheres. “Tal categorização irá, portanto, regulamentar os modos e as maneiras pelas quais as mulheres serão (ou não) inseridas no mercado de trabalho contemporâneo” (CARPENEDO, 2011, p. 72).

Para desenvolver nossa argumentação sobre as naturalizações das posições de gênero no contexto de trabalho da empresa CEEE-Transmissão, foram realizadas análises a partir das falas de funcionários/as entrevistados/as a partir da metodologia de análise do discurso e análise cultural.

A partir do contexto da empresa, através de entrevistas semi-estruturadas, foram entrevistados/as funcionários/as da CEEE - Transmissão sobre as relações de gênero no local de

trabalho, com o intuito de problematizar as pedagogias que transitam nesse local de trabalho e que ajudam a produzir e naturalizar lugares de homens e mulheres dentro de uma empresa. Todas as entrevistas foram autorizadas pelo diretor da CEEE Transmissão e cada entrevistado/a assinou um termo de consentimento livre e esclarecido.

As entrevistas foram transcritas e examinadas em seu conjunto. Visto que estamos inseridos na área dos Estudos Culturais e acreditamos o quanto é importante compreender alguns modos de operar o poder, suas práticas e maquinarias e suas estreitas relações com a verdade (BUJES, 2003), propomos neste artigo, uma análise cultural e análise do discurso com inspiração foucaultiana.

A escolha destas ferramentas de análise das entrevistas se deu pelo entendimento de que operam práticas discursivas por meio das falas dos/as entrevistados/as, que produzem efeitos e pedagogias que moldam as maneiras de ser e estar dentro de uma determinada cultura. Para isso “é preciso ficar (ou tentar ficar) simplesmente no nível de existência das palavras, das coisas ditas. Isso significa que é preciso trabalhar arduamente com o próprio discurso, deixando-o aparecer na complexidade que lhe é peculiar.” (FISCHER, 2001, p. 198).

Stuart Hall conceitua a cultura como “a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas” (HALL, 1997, p. 10). A cultura se apresentada como um campo de disputa pelos significados produzidos pelos indivíduos que dela fazem parte (HALL, 1997) só pode ser pensada enquanto linguagem como construtora de realidades. A linguagem, mais do que um meio de descrever a realidade, passa a ser entendida “(...) como atuando na sua construção e como aquilo com o qual se dá sentido às coisas, produzem-se significados, formam-se redes e práticas de significação e se processam intercâmbios” (WORTMANN; VEIGA-NETO, 2001, p. 108).

Entendemos que os sentidos se reproduzem na linguagem são instituídos por um regime ligado a sistemas de poder. E ressaltamos que, neste contexto, o poder é relacional e político. Foucault (2005) salienta que o poder não se possui: exerce-se; está em todas as relações humanas, todos o exercem e o transmitem; é um jogo em que forças de direções variadas se entrecruzam; todos estão livres para resistir a ele, pois se não houver possibilidade de resistência não há poder, há violência.

Como somos construídos dentro de uma cultura que, assim como a linguagem, estão inseridos em campos de disputas a partir de relações de poder que produzem sentido ao mundo, aos sujeitos (HALL, 1997), é interessante fazer uma análise a partir dessa complexidade que atravessa o contexto pesquisado.

A análise cultural que propomos está ancorada nos conceitos de linguagem, cultura e poder conforme Marisa Costa (2002), podemos chamar de textos culturais uma variada e ampla gama de artefatos que “falam” sobre o contexto em que circulam e em que foram produzidos, por exemplo: filmes, obras literárias, peças publicitárias, programas de rádio e TV, músicas são textos culturais.

Articulando com Foucault (1996), podemos pensar que as práticas, os enunciados e as instituições estão implicados em relações de saber e poder. Não é a realidade que produz o discurso, mas o discurso que produz a realidade, intercambiando e produzindo significados.

Conforme Foucault (2005), o discurso não descreve simplesmente objetos, ele produz os objetos quando fala sobre eles; por isso é importante estar atento para as práticas de produção que põem em circulação os discursos para entender como esses discursos produzem significado para as coisas e sujeitos a que se referem.

Assim, o/a pesquisador/a terá a tarefa de mostrar como determinados enunciados são construídos, aparecem e funcionam no interior de determinado conjunto de práticas discursivas e em determinados contextos culturais. Terá a compreensão que existe multiplicação de coisas ditas, complexificação do conhecimento e terá que lidar com heterogeneidade discursiva. Tarefa complicada para um mundo em que os saberes são voltados para a busca incessante da verdade, da unidade e da homogeneidade.

A partir destes métodos apresentados de análise cultural e de discurso com bases foucaultianas, pretendemos explorar as práticas discursivas, que englobam cultura, linguagem e poder, nas relações de gênero e trabalho presentes nas falas dos/as trabalhadores/as da CEEE Transmissão. É importante ressaltar que mesmo na fala de cada entrevistado/a “(...) o sujeito da linguagem não é um sujeito em si, idealizado, essencial, origem inarredável do sentido: ele é ao mesmo tempo falante e falado, porque através dele outros ditos se dizem.” (DUARTE, 2004, p. 207).

É importante explicitar que, de acordo com as proposições de Foucault (1996) e de Fischer (2012), os discursos funcionam na direção de produzir posições que os indivíduos serão chamados a ocupar: é nesse sentido que os sujeitos são efeitos discursivos e são produzidos dentro de uma determinada cultura. Isto é, o lugar das mulheres e o lugar dos homens são discursivamente forjados, produzidos e preservados por meio de pedagogias de gênero que circulam no contexto da CEEE Transmissão. Vemos tais pedagogias de gênero em ação nas respostas dos/as funcionários/as às perguntas formuladas; aí, suas falas põem em funcionamento discursos, sobretudo aqueles oriundos da biologia, para justificar a inserção e o exercício de determinadas funções diferenciadas de acordo com o gênero, produzindo através da cultura, linguagem e poder, subjetividades e lugares de trabalho supostamente adequados para homens e mulheres.

3 PEDAGOGIAS DE GÊNERO EM OPERAÇÃO

Iniciamos com a seguinte problematização: Qual o lugar institucional da CEEE – GT em relação a produção, naturalização e solidificação dos lugares de cada gênero dentro e fora da própria empresa? A partir de algumas falas dos/as entrevistados/as, alguns elementos interessantes se delineiam. Destacamos dois recortes, a seguir:

Acho que até nos cursos de eletrotécnica também são poucas mulheres. Então vem daí na verdade, não é a empresa, é a sociedade que se comporta dessa maneira. Então as pessoas, a empresa está estruturada dessa forma para atender a essa questão técnica. Como o mercado ofereça na maioria homens, são os homens que entram. (Entrevistada E1)

Como a empresa admite através de concurso público eu acho que pro público externo, ele vê a empresa em função das atividades que aparecem para o público, como atividades masculinas, então eu acho que é por isso que tem essa característica. A grande massa dos funcionários são de trabalhos operacionais, que são o que as pessoas enxergam na rua, que são atividades masculinas. (Entrevistado E4)

Nestes dois excertos é interessante observar como os/as funcionários/as se valem de representações naturalizadas e acabam por reconhecerem que a sociedade é machista e forja lugares para cada gênero. Nas falas de E1 e E4 é observado o reconhecimento de que a CEEE nada mais faz que “refletir” a organização sexista da sociedade. Foucault (2005) sinaliza que os macropoderes são resultado de micropoderes que se misturam visando cumprir metas de um

determinado planejamento estratégico, neste caso, através de pedagogias de gênero a CEEE como instituição inscrita numa cultura e numa sociedade ajuda a produzir a organização sexista vigente.

De diversas maneiras e a partir de diferentes discursos somos ensinados/as a nos produzir enquanto sujeitos de gênero. Mulher/homem, natureza/cultura, força/razão são fronteiras móveis em que os pares são interdependentes e em constante instabilidade.

Destacamos, a seguir a imagem de um *folder*, que faz parte da comemoração do “Dia Internacional do Homem”, e foi elaborado e distribuído via e-mail para todos/as os/as funcionários/as pelo setor de comunicação social da CEEE no ano de 2015:



Figura 1 - Folder da campanha interna da CEEE para o dia internacional do homem
Fonte: www.ceee.com.br

O *folder* mostra a partir de *hashtag's*: #serforte, #serherói, #serexemplo adjetivos do que supostamente constituiria o ser homem. Adjetivos que reforçam as naturalizações culturais de um gênero como sendo forte, protetor e herói, além da cor de fundo do *folder* ser azul, cor comumente designada para fazer referência ao gênero masculino. Na parte central do folder, a imagem de um bigode parece indicar uma marcação biológica, mas que carrega uma das construções culturais do gênero masculino marcadas no corpo, o bigode sendo aqui um diferenciador de características entre os gêneros.

Esse folder tem a potência de mostrar que a CEEE não apenas “reflete” o que a sociedade produz, mas fazendo parte desta sociedade também produz as relações de gênero através da linguagem (LOURO, 2004), ensinando aos funcionários maneiras de ser e de se comportar dentro e fora da empresa. Louro (2014) aponta para o caráter político das nossas relações cotidianas, em que diferentes estratégias são postas em ação para garantir a solidificação das posições de gênero.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Foi a partir do “desconforto” com os dados quantitativos das diferenças entre números de trabalhadores/as homens e mulheres na empresa CEEE Transmissão que este texto começou a ser pensado. As pedagogias de gênero aliadas a análise de discurso e cultural, permitiram problematizar as maneiras como são construídos, disputados e diferenciados os gêneros na nossa sociedade no que tange à distribuição de corpos-trabalhadores em uma fatia específica do mercado de trabalho.

Por meio de análise das falas dos/as funcionários/as da CEEE Transmissão, pudemos acompanhar o esforço das pedagogias de gênero, principalmente a partir do discurso da biologia dos corpos, em instaurar regimes de verdade que diferenciam os corpos em sua materialidade e que produzem diferenças culturais, sociais e binárias. A ajuda da comunicação social interna da própria empresa na propagação dessas mensagens é fundamental para comunicar (e construir) em massa essas supostas verdades.

Fugir das artimanhas das pedagogias sólidas é preciso. Essa fuga pode se dar por meio da compreensão de seu funcionamento para, assim, criar fissuras que produzam modos de vida, materialidades corpóreas e regimes de pensamento. É preciso se contrapor à essencialização e à cristalização de determinados lugares culturais, políticos e, para estas análises, espaços profissionais em que corpos marcados por determinado gênero poderão ocupar. Esse estudo problematizou um campo minado de desigualdades de gênero, a partir de uma escrita colaborativa, que ao mesmo tempo escreve, aprende, repensa e reescreve num contínuo pensamento-dança (DELEUZE, 1992), um pensamento que se experimenta e nos permite potencializar a própria vida.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. Pedagogia: a arte de erigir fronteiras In: BUJES, Maria Isabel E; BONIN, Iara Tatiana (Org.) **Pedagogias sem fronteiras**. Canoas: Ed. ULBRA, 2010. p. 21-31.

CAMOZZATO, Viviane Castro. Pedagogias do presente. **Educação & Realidade**, v. 39, n. 2, 2014.

CARPENEDO, Manoela. **Quando a resistência se torna política pública**: analisando a produção de subjetividades nas políticas de equidade de gênero no campo do trabalho. 2011, Dissertação (Mestrado em psicologia). Instituto de Psicologia da UFRGS, Porto Alegre. Disponível em <<http://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/33315>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

COSTA, M. V. Poder, discurso e políticas cultural: Contribuições dos Estudos Culturais ao Campo do Currículo. In: LOPES, A. C.; MACEDO, E. (Org.). **Currículo: debates contemporâneos...** Cultura, Memória e Currículo, v. 2, Editora Cortez. 2002.

COSTA, Marisa Vorraber; ANDRADE, Paula Deporte . Na produtiva confluência entre Educação e Comunicação, as pedagogias culturais contemporâneas. **Revista Perspectiva**. Florianópolis, v. 33, n. 2, mai./ago. 2015. p. 843-862.

DELEUZE, Gilles. **O que é a filosofia?** Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**: Curitiba, n. 24, 2004, p. 213- 225.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise de discurso em educação. **Cadernos de pesquisa**, n. 114. nov. 2001, p. 197-223.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula inaugural no College de France. Pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola: 1996.

_____. **Microfísica do poder**. 21. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**, v. 22, n. 2, jul./dez., 1997, p. 15-46.

LOURO. Guacira. **Gênero, sexualidade e educação**: Uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

_____. Currículo, gênero e sexualidade - O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2012, p. 43-53.

_____. **Cinema e sexualidade.** In: Educação e Realidade, p. 81-98, jan./jun. 2008.

_____. **Um corpo estranho:** ensaios sobre a sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MEYER, Dagmar. Gênero e Educação: Teoria e Política. In: **Corpo, Gênero e Sexualidade** – um debate contemporâneo na Educação. LOURO, G. FELIPE, J. GOELNER, S (Org.) Petrópolis: Vozes, 2012.

OLIVEIRA, T. S. A inserção das mulheres na Construção Civil: um retrato midiático sobre a expressão e reprodução da feminilidade no setor. In: Silvia Cristina Yannoulas. (Org.). **Trabalhadoras - Análise da Feminização das Profissões e Ocupações**, 1. Ed. Brasília: Abaré, 2013, p. 137-156.

POSSEBON, Renato Ost. **O coaching como uma pedagogia que promete conduzir à felicidade.** Canoas: PPGEDU ULBRA, 2015.

SABAT, Ruth. Pedagogia cultural, gênero e sexualidade. **Revista Estudos Feministas.** v. 9, n. 1, 2001, p. 9-21.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: _____. (Org.) **Identidade e diferença:** a perspectiva dos estudos culturais. 8. Ed. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 73-103.

WORTMANN, M. L. C.; VEIGA-NETO, A. **Estudos Culturais da Ciência & Educação.** Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

YANNOULAS, Silvia Cristina. Sobre o que nós, mulheres, fazemos. In: Silvia Cristina Yannoulas. (Org.) **Trabalhadoras - Análise da Feminização das Profissões e Ocupações.** 1. ed. Brasília: Abaré, 2013, p. 31-65.